



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

RAQUEL SOUSA SOUTO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA INFANTO-JUVENIL
DIRECIONADA À ARTE DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

RAQUEL SOUSASOUTO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA INFANTO-JUVENIL
DIRECIONADA À ARTE DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Artigo apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Pedagogo.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S726r Souto, Raquel Sousa.
Relato de experiência com a literatura juvenil direcionado à arte de contação de história [manuscrito] / Raquel Sousa Souto. - 2019.
28 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Contação de história. 2. Educação infantil. 3. Prática pedagógica. I. Título

21. ed. CDD 372.4

RAQUEL SOUSA SOUTO

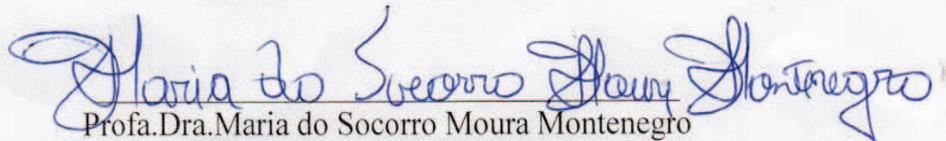
**RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA INFANTO-JUVENIL
DIRECIONADA À ARTE DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Aprovado em 19 / 02 / 2019

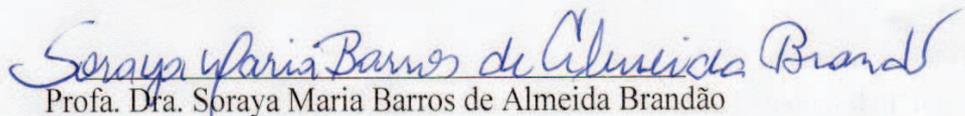
Artigo apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Pedagogo.

Área de concentração: Pedagogia

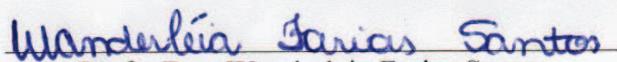
BANCA EXAMINADORA



Profa.Dra.Maria do Socorro Moura Montenegro
Orientadora



Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão
Examinadora



Profa. Dra. Wanderleia Farias Santos
Examinadora

AGRADECIMENTOS

À DEUS, por me auxiliar nos momentos mais difíceis, sempre me acalentando e me trazendo conforto.

A minha família, por sempre me fazer sorrir, fonte de inspiração.

As crianças que são especiais para a minha sede de ir em busca do conhecimento.

Aos meus irmãos, pela amizade e cumplicidade, a todos os profissionais em Educação desse curso que tanto me ajudou.

Ao meu esposo, Jônatas Souto, por sempre me incentivar a acreditar em meus sonhos.

A todos aqueles que estiveram comigo durante essa jornada do saber, aos meus professores, colegas de turma e amigos que ao longo do tempo se solidificaram.

A minha Orientadora Prof^ª Dr^ª Maria do Socorro Moura Montenegro por se fazer presente num momento ímpar e marcante da minha trajetória acadêmica.

A Banca Examinadora, agradeço pela compreensão e por ter aceitado o convite para estar aqui.

Transcender é assim, um desafio constante que se desvenda a cada passo, que se recusa a aceitar a realidade na qual está mergulhada rompendo com a mesma e indo além daquilo que é dado, projetando o ser humano em uma dimensão infinita.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL E SUAS ESPECIFICIDADES	08
2 O QUE DIZEM AUTORES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	12
3. O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	17
4. RELATO DE EXPERIÊNCIA	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo mostrar a importância da Contação de História para despertar no aluno o gosto pela leitura e desenvolver sua criatividade e imaginação, contribuindo para a exploração de mundo da criança, favorecendo as situações de experiência no seu cotidiano e possibilitando a criança expressar suas emoções livremente durante a leitura. Como pressuposto metodológico apresentamos um relato de experiência desenvolvido com crianças entre 4 e 5 anos de idade na Escola ABC, voltado para a arte da Contação de História na Educação Infantil, haja vista que essa prática faz com que as crianças desenvolvam hipóteses sobre as histórias lidas e contribui significativamente para o desenvolvimento da criatividade e imaginação das próprias crianças. Portanto, enfatizamos que a Contação de Histórias contribui, de fato, para oportunizar o estímulo da criatividade e da imaginação e, de certa forma, acaba também colaborando para melhorar determinadas questões relacionadas ao campo emocional e psicológico, embora o nosso principal objetivo com a ação pedagógica seja a formação do leitor que deve se iniciar a partir da Educação Infantil. Para isso, nos ancoramos nos estudos de Brait (2010); Brasil (1998); Cadermatori (2009), Cosson (2009) e Oliveira (2010), Soares (2001) e outros. Nesse sentido, provavelmente, há a clareza de que é importante a prática da Contação de Histórias na Educação Infantil, considerando que o seu papel é o de proporcionar prazer e diversão através da leitura. Além disso, quando bem desenvolvida pode ser considerado um bem cultural que provoca o pensamento reflexivo da criança, de acordo com a mediação realizada pelo professor, permitindo o desenvolvimento das habilidades e as competências necessárias para enfrentar os conflitos e superá-los no dia-a-dia.

Palavras-Chave: Contação de Histórias. Educação Infantil. Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo mostrar a importância da Contação de História para despertar no aluno o gosto pela leitura e desenvolver sua criatividade e imaginação, contribuindo para a exploração de mundo da criança, favorecendo as situações de experiência no seu cotidiano e possibilitando a criança expressar suas emoções livremente durante a leitura. Nele apresentamos um relato de experiência desenvolvido com crianças entre 4 e 5 anos de idade na “**Escola ABC**”¹ sobre a prática da Contação de História na escola.

O interesse tema foi motivado pela necessidade de percebermos a importância da Contação de Histórias desde a Educação Infantil, estimulada no Componente Curricular: Contação de Histórias, ministrada pela professora Dr^a Maria do Socorro Moura Montenegro e, assim, por considerar fundamental registrar as reflexões teóricas e práticas desenvolvidas no referido componente, de modo a estabelecer uma maior aproximação com o nosso objeto de estudo.

Além disso, o estudo dessa temática é relevante em virtude da importância da leitura literária no atual cenário da sociedade contemporânea desde a infância. Portanto, como as demais atividades, deve ser muito bem explorada, para que futuramente as crianças não se afastem da leitura literária e de outras leituras, chegando a apresentar dificuldades na compreensão devido à falta de desenvolvimento do pensamento crítico e social.

Nesse sentido, acreditamos que a exploração da Literatura Infanto-Juvenil na rotina da prática pedagógica se constitui um importante produto cultural que pode contribuir para que as crianças possam desenvolver o seu senso crítico, desde que respeitemos sua compreensão sobre as leituras realizadas, a partir da Contação de Histórias.

De outra forma, sabemos que o trabalho com a leitura literária faz com que as crianças se tornem leitoras, bastando apenas que não se use a contação de histórias para ensinar conteúdos escolares, já que perde toda a sua essência e encantamento. Para Barbosa (1994, p. 141), “a escola deve se organizar em função de um novo conceito de leitura que supõe a adoção de um novo processo de aprendizagem”. Embora, esse processo de aprendizagem pode se dar de uma forma prazerosa na qual se aprende tudo sem dizer que está aprendendo história, geografia, dentre outros.

É por essa razão que consideramos que é de fundamental desenvolver práticas de leitura que possibilitem a participação de todos nas situações de aprendizagens cotidianas no âmbito escolar nas quais se faz necessário o uso dessa prática, como também, utilizar estratégias que desperte na criança o interesse, sobretudo pela leitura é de suma importância, por isso Lajolo afirma que “Lê-se para entender o mundo, para escrever melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”(2004, p. 7).

A metodologia utilizada neste trabalho é um estudo de cunho qualitativo, pois a mesma permite trabalhar com os sentimentos e falas dos envolvidos no projeto. Com isso, procedemos à realização durante o período de uma semana do mês de dezembro/2018 sinalizando a Contação de História como instrumento de aprendizagem.

De acordo com Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significado, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Desse modo, o estudo foi desenvolvido a partir dos pressupostos da abordagem qualitativa, em que recorremos a documentos escolares para responder aos nossos questionamentos. A primeira fase da pesquisa ocorre no momento da escolha e seleção dos livros infantis a serem sistematicamente apresentadas às crianças.

Tendo como motivação a Contação de Histórias na Educação infantil, refletimos sobre quais foram as fontes teóricas mais adequadas a serem utilizadas na fundamentação teórica deste artigo. Portanto, decidimos focar nossas reflexões sobre as fontes documentais para a nossa pesquisa.

Para tanto, no relato descrevemos as atividades desenvolvidas durante o projeto de no mínimo uma semana do corrente ano numa escola de Educação Infantil para crianças entre 4-5 anos de idade.

Faz-se necessário que o leitor compreenda que esse relato de experiência foi vivenciado em uma turma do Infantil IV com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos, na “Escola A.B.C”, na cidade de Campina Grande-PB, com um total de 23 crianças. O uso da Literatura Infanto-juvenil adveio de um projeto intitulado: “Lê pra mim”, que contribuiu para a construção desse trabalho de conclusão de curso.

Sendo assim, as atividades desenvolvidas neste projeto se detiveram a Contação de Histórias do universo infantil. Eles ouviam, cantavam sempre no início e final de começarmos a leitura/contação. Durante a realização do projeto, as crianças confeccionaram um cartaz com as cores trabalhadas. Elas pediam sempre para recontar a história várias vezes quando gostavam da história, além disso, trabalhamos com artes visuais, pintura e desenhos espontâneos. Houve a aula de campo para as crianças reconhecerem os lugares que as borboletas habitam. O objetivo do projeto serviu para que elas reconhecessem a importância de ser único com seus sentimentos e emoções peculiares.

Entende-se que a leitura do mundo precede a leitura do texto, assim, a proposta deste trabalho está voltada principalmente para a utilização da Literatura Infanto-Juvenil na pré-escola no sentido de possibilitar a leitura por prazer. Com isso, compreendemos que a Contação de História contribui para o desenvolvimento das crianças na Educação infantil.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: o item I trata das singularidades sobre a Literatura Infanto-Juvenil, o item II trata sobre o que dizem os autores sobre a Contação de Histórias, as concepções de Literatura Infantil na Educação infantil. Além disso, destacamos no III ponto o papel do professor como mediador da Contação de História. No IV ponto, abordamos o relato da experiência realizada tendo a Contação de Histórias como recurso

metodológico. Por último, acrescentamos as considerações finais, emitindo nossa opinião em relação à temática trabalhada.

1 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL E SUAS ESPECIFICIDADES

A Literatura Infantil é um produto cultural que, geralmente, é consumido pelas crianças, desde a nossa primeira infância, ora por intermédio de nossos pais, seja na pré-escola. Isso vai depender da história de vida e de leitura de cada pessoa. Nesse sentido o ato de contar histórias se imbrica as diversas formas de se explorar a própria Literatura Infantil.

Sabemos que o hábito de contar histórias esteve presente na vida das pessoas desde a antiguidade. Era muito comum encontrar um grupo de pessoas reunidas, geralmente ao redor de fogueiras para ouvir as pessoas mais velhas contando histórias fantásticas. Esse fato contribuiu para que essa prática fosse repassada de geração a geração através da oralidade todos os seus conhecimentos, tradições de um povo para aquelas crianças, jovens e adultos que iriam dar continuidade as gerações futuras.

No entanto, antes do século XVIII, as crianças eram tratadas como adultos em corpo de crianças, por isso era tratada assim, devido à concepção de infância da época.

Por outro lado, houve um tempo em que esteve presente a adaptação das literaturas e publicações para o público infantil. Obras, a exemplo de: *Fábula*, de La Fontaine, as *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift e *Robson Crusoe*, de Daniel Defoe foram alguns dos livros que sofreram adaptações para esse público infantil. Pois, nessa época, e que também perdura ainda hoje, em sua essência, um cunho moralizante, em razão de apresentar a intenção de ensinar as crianças comportamentos e atitudes que sedimentaria uma ideologia vigente.

No entanto, para explorar a Literatura Infantil precisamos, antes de tudo, refletir sobre a concepção de leitura, visto que estão interligados. Para Cademartori (2009), leitura é algo capaz de provocar mudanças para além da compreensão lúdica, no entanto, é fundamental para atrair e animar o primeiro contato de iniciantes, como a criança com o livro infantil e mais especificamente da Contação de Histórias e sua adequação com cada faixa etária. O que foi de extrema importância para que a sua função social pudesse respeitar as especificidades e necessidades de possíveis intencionalidades que a história possui e quer transmitir para a criança.

Isabel Solé(1998) traz em seu livro: *Estratégias de Leitura* a perspectiva interativa e dessa autora há uma estratégia na qual se afirma que as crianças passam por diversas fases e cada fase ocorre de acordo com seu desenvolvimento individual. Embora, nosso propósito

não tenha sido esse, essa autora afirma que a leitura acompanha o nosso desenvolvimento psicológico, já que, segundo essa autora, passamos por cinco fases até nos tornarmos leitores críticos e autônomos, é importante destacar que: o pré-leitor é aquela fase em que a sua linguagem maior é por meio do tato. A criança nessa fase ainda não conhece os códigos linguísticos, por isso ler o mundo de forma simples. Essa fase vai até os cinco anos, porém, aos três anos, com o desenvolvimento da linguagem e a repetição da fala se torna o melhor meio de ganhar sua concentração.

Assim, na fase leitor iniciante, por estarem na fase de alfabetização, conseguem identificar os códigos linguísticos, porém ainda precisam da ajuda do adulto e os livros mais indicados são os que apresentam início, meio e fim e linguagem simples.

A fase leitor em processo se dá aos 8 anos, na qual a crianças se interessa por livros que tratem de cunho emocional e que tenha um conflito a ser resolvido. Na fase leitor fluente, aos 10 anos, as imagens já não são necessárias e a criança se interessa por temas do cotidiano. E, por fim, a fase do leitor crítico, onde a crianças já domina o código linguístico e se interessa por leituras de cunho reflexivo (REVISTA LER, 2017). Para Oliveira (2010, p.46)

É inegável que as histórias lidas e ouvidas na infância criam laços afetivos entre quem diz e quem ouve, ou quem lê com o livro entre as mãos. A literatura, assim, não seria apenas o instrumento de uma possível expansão do domínio linguístico das crianças, como o hábito da leitura ou para escrever melhor, mas sua função seria a de propiciar novas possibilidades existenciais, sociais e educacionais.

Por isso, algumas crianças usam a experiência com a literatura como escapismo¹, como explica Cademartori (2009): “O escapismo se constitui como uma primeira etapa na experiência da literatura, apesar do sentido pejorativo atribuído ao termo, pode estar na base da formação dos mais requisitados leitores, assim como de escritores de grande talento”.

Senão assim, as crianças buscam na literatura aquilo que elas não têm na vida real e isso é o que importa para elas, é como se a literatura as tornassem livres, pois ela propicia a liberdade de pensamento, oportunizando perceber que tem voz própria, uma singularidade que ninguém poderá lhe tirar. Por isso, é importante tecer algumas reflexões sobre a Literatura Infanto-Juvenil.

Quanto ao conceito de Literatura Infanto-juvenil provavelmente não existe uma definição unânime. Há quem prefira dizer o que ela não é. De qualquer modo, para efeito de reflexão, é possível destacar alguns dos aspectos que envolvem o texto literário do ponto de vista da linguagem, e do seu papel social e cultural.

¹ Escapismo é compreendido como sendo a saída do mundo real para o mundo imaginário.

Segundo Cereja (2010), a Literatura Infanto-Juvenil é um ramo da literatura dedicado especialmente às crianças, jovens e adolescentes. Nela, se incluem histórias fictícias infantis e juvenis, biografias, novelas, poemas, obras folclóricas e culturais, ou simplesmente obras contando/explicando fatos da vida real (ex: artes, ciências, matemática etc.). Prosseguindo, Cosson(2010, p.58) afirma:

O primeiro espaço da literatura na sala de aula é o lugar do texto, da leitura do texto literário. Tudo se inicia com o imprescindível e motivado contato com a obra. Ler o texto literário em casa, na biblioteca ou em sala de aula, silenciosamente ou em voz alta, com ou sem a ajuda do professor, permite o primeiro encontro do leitor com o texto. Um encontro que pode resultar em recusa da obra lida – que deve ser respeitada – ou em interrogação ou admiração – que devem ser exploradas. É essa exploração que constituía atividade da aula de literatura, o espaço do texto literário em sala de aula.

Naturalmente, o conteúdo dentro de uma obra infanto-juvenil depende da idade do leitor; enquanto obras literárias destinadas às crianças de dois a cinco anos de idade são quase sempre constituídas de poucas palavras coloridas e/ou possuem muitas imagens e fotos. Já as obras literárias destinadas aos jovens e adolescentes muitas vezes contém apenas o texto. De toda forma, a literatura infantil é fundamental para que crianças tenham contato com os livros desde cedo, acostumando-se com sua textura, seu formato, seu cheiro e seu universo de possibilidades (CADEMARTORI, 2009)

Cademartori (2009) ao tratar sobre as relações entre aluno-professor na mediação da literatura na escola remete a compreensão também sobre a história da literatura Infanto-Juvenil, porém, não se tem a pretensão no sentido de contar aconselhando professores sobre o que ela é o que fazer para transformar o mundo das crianças em jovens leitores, a fim de despertar o gosto pela leitura por prazer. Mas, sabemos que é preciso ter contato com a leitura para se tornar um leitor por isso é fundamental desfrutar intensamente do que se lê.

Dentro desta perspectiva, a Literatura Infantil para crianças de dois a cinco anos de idade deve promover e favorecer a compreensão da criança sobre o que está sendo lido, seja na escola ou em casa, de forma que seja interessante e, acima de tudo, estimulante para a criança. Nesse sentido, vale dizer que os primeiros livros direcionados às crianças foram produzidos por professores e pedagogos no final do século XVII, com o objetivo de transmitir valores e criar hábitos. Mesmo que, hoje, há controvérsias em relação a esse tipo de leitura moralizante.

Para Oliveira (2010, p.42),

A literatura infantil aponta para outras maneiras de ser e outros caminhos a serem percorridos, que no plano real seria quase impossível. Aprende-se e conhece-se por

meio da leitura do texto literário, no entanto não há necessidade de imporem-se conhecimentos, formatando a criança dentro de princípios racionais que idealizam o ser e o elegem como alguém que deve tornar-se estritamente cumpridor de deveres.

Podemos perceber que, de fato, a Literatura Infantil precisa contribuir, decisivamente, para formar o leitor, em razão, de abranger vários objetivos que direcionam para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente quando possibilita, sobretudo a aprendizagem de conteúdos e não compreende que a Literatura Infantil também contribui para o desenvolvimento psicológico, emocional e cognitivo da criança.

A Literatura Infanto-Juvenil também possibilita a construção de uma nova visão da realidade, associada ao lado prazeroso de toda e qualquer história. Desse modo, geralmente, as obras literárias destinadas às crianças na fase de dois a cinco anos de idade possuem apenas grupos de palavras e/ou poucas frases. Percebemos que, em alguns casos, a estrutura dos suportes textuais dos livros infantis, acaba motivando, de uma forma ou de outra, as crianças porque são coloridos e possuem muitas imagens. Dessa forma, a Literatura Infantil se destina não apenas a contribuir com o processo de aprendizagem da leitura, mas, sobretudo estimular na criança o gosto pela leitura de uma forma geral.

Segundo Corsino (2010, p.189, apud SOARES 1999, p.17), destaca o seguinte:

[...] ao analisar a relação literatura infantil a escola traz dois movimentos: a escola que toma para si a literatura infantil para atender aos seus próprios fins, fazendo dela uma “literatura escolarizada” e a produção de uma literatura para atender aos objetivos escolares, buscando “literatizar a escolarização infantil” A autora analisa especialmente o primeiro movimento e, ao constatar que a escolarização da literatura é inevitável, propõe como questão para os educadores: pensar uma adequada escolarização da literatura. Na educação infantil, ambos os movimentos estão muito presentes. A criança pequena é geralmente adepta das histórias, elas transitam com facilidade no mundo ficcional.

Para Soares (1999, p. 21-22),

[...] Não há como evitar que a literatura ou qualquer literatura não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar ‘saber’ escolar se escolarize e não se pode atribuir, em tese. [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola. [...] o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou didatização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o”.

Desse modo, Leal & Albuquerque (2010, p.101) a esse respeito afirmam:

(...) a inserção da literatura em sala de aula não pode ser algo ocasional, acidental e nem pode fazer parte de um preenchimento de tempo sem intencionalidade. O professor precisa realizar atividades constantes, planejadas, em que os estudantes tenham acesso ao texto literário, mas possam também refletir coletivamente sobre tais textos, e que esses possam ser modelos de escrita para outros textos.

Para Brait (2010, p.34), “a literatura é uma questão de ritmo não de informação ou de redundância”. Entende-se que é importante contar histórias respeitando os ritmos das falas, porque a entonação dá ênfase aos personagens e provoca o despertar da imaginação. No entanto, De Certeau (2008, p.262) defende a ideia de que “a leitura é apenas um aspecto parcial do consumo, mas fundamental”. Numa sociedade sempre mais escrita, organizada pelo poder de modificar as coisas e reformar as estruturas a partir de modelos escritos (científicos, econômicos, políticos), mudada aos poucos em textos combinados (administrativos, urbanos, industrial, etc), pode-se muitas vezes substituir o binômio produção-consumo por seu equivalente e revelador geral, o binômio escrita-leitura.

A respeito desse questionamento Paiva (2008, p.51) destaca:

A literatura infantil tem pertencimento ao estatuto literário, na dimensão de arte, pois os territórios da arte se alargaram e contemplam manifestações artísticas emergentes. Assim, a literatura infantil tem poder formativo, mas não se pode concebê-la apenas como literatura de iniciação, restrita ao ambiente escolar. “O parâmetro da produção para a criança não deveria ser seu caráter pedagógico em detrimento de novas possibilidades de vida por meio dos jogos criativos de linguagem.”

Dentro dessa perspectiva Corsino (2010, p. 187) afirma que é fundamental compreender o que está inserido nas Concepções de infância, literatura e as mediações de leitura têm-se as três pontas da trança que tecem o trabalho de literatura junto às crianças, não só na escola, mas nas diferentes esferas por onde circulam. A literatura, por sua vez, é um dos fios das produções culturais dirigidas ao público infantil.

Assim, a literatura na Educação Infantil pode ocorrer e promover, sobretudo, a formação do leitor, que decorre de diversas situações educacionais. O uso do texto literário pode contribuir para resultados extremamente satisfatórios, desde a infância possibilita o desenvolvimento das competências das crianças. Por isso, as estratégias de leitura através da Contação de Histórias contribuem para a exploração do mundo à sua volta favorecendo as situações do cotidiano infantil.

2 O QUE DIZEM OS AUTORES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

De acordo com Cademartori (2009), a Contação de Histórias, através da leitura propriamente dita de um livro, não provoca apenas a alteração mental, mas também física. E a compreensão pelo leitor de um livro que o encanta é tal que “a casa pode pegar fogo e quem estiver mergulhado num livro não levanta os olhos”. Segundo Oliveira (2010, p.46),

É inegável que as histórias lidas e ouvidas na infância criam laços afetivos entre quem diz e quem ouve, ou quem lê com o livro entre as mãos. A literatura, assim, não seria apenas o instrumento de uma possível expansão do domínio linguístico das crianças, como o hábito da leitura ou para escrever melhor, mas sua função seria a de propiciar novas possibilidades existenciais, sociais e educacionais.

Entende-se que no âmbito da Educação Infantil, não é o lugar definido para se alfabetizar, mas é o lugar aonde o processo de aprendizagem pela leitura vai se constituindo, pois muitas vezes, os textos literários são manipulados pelas crianças não alfabetizadas e acaba sendo estes textos que estas crianças aprendem, seja para fazer parte de seu convívio, seja para aprender sobre si, sobre os outros e sobre os modos de viver no coletivo.

Nesse cenário educacional brasileiro, há uma inquietação desmedida e, muitas vezes, infundada para investir na formação de leitores, de certa forma despreparada, já que o que deixa transparecer é que estão muito mais preocupados com os indicadores, como o índice de alfabetismo funcional do que com a necessidade de introduzir as crianças no processo de constituição leitora para que possa oportunizar o ingresso da criança na vida em sociedade e, com o passar do tempo, na vida adulta.

Na realidade, o texto literário, na maioria das vezes, não chega às crianças não alfabetizadas sem a mediação do adulto e, muito menos, sem as intenções educativas envolvidas nessa mediação, desde que se compreenda que essas intenções não devem priorizar ideias moralizantes, mas sim, buscar respeitar as suas próprias ideias das crianças, no sentido de deixá-las livres para emitir suas próprias opiniões. Os textos literários servem, muitas vezes, para desmistificar determinados preconceitos e discriminações presentes no seio familiar.

Por isso é importante ler livros com imagens, narrativas, poesias ou poemas narrativos para as crianças que ainda não dominam o código escrito, seja através da oralidade do adulto contador para descortinar para elas o potencial do poético, já que só assim as crianças podem passar a compreender que o sentido da “poesia” é, também, uma arte, por meio da linguagem poética que, de certa forma não está, apenas, relacionada aos modos de concretização. A leitura está bem viva na voz do contador que se vale do valor das pausas, da alteração da voz,

do jogo do ritmo e das sensações que esses elementos poderão provocar no corpo da criança que ouve (FRONCKOWIAK, e RICHTER, 2005). Conforme Corsino (2010, p.190):

Ouvir e contar histórias nos constitui enquanto sujeitos. Como Walter Benjamin (1992) afirma, a narrativa é a possibilidade que temos de intercambiar experiências, de nos conhecermos e de nos reconhecermos ou nos estranharmos no outro. Ela nos faz perceber a nossa humanidade sócio-histórica concilia tempos e espaços distintos, organiza os fragmentos das histórias vividas e contadas. Embora Benjamin afirme que a arte de narrar esteja em extinção, porque cada vez temos menos tempo para esse intercâmbio de experiência até mesmo para viver a experiência, se buscarmos na memória, certamente encontraremos histórias construídas ou ouvidas em diferentes momentos, com vozes polifônicas, justapostas, sobrepostas e até impostas.

Perroti (2010) considera que, contar histórias é uma arte fantástica e merece ser cultivada desde muito cedo podendo ser realizada uma Contação de história de cunho infantil tendo o livro como suporte ou não. Mas, é preciso destacar, sobretudo, a importância de se estar envolvido com a história e conseqüentemente com o seu contexto. Além disso, é necessário que o narrador preste atenção aos seus ouvintes, pois cada criança é única. Sendo assim, é importante a contação de histórias para crianças entre 03 a 04 anos de idade na fase da Educação Infantil por ser fundamental para o desenvolvimento de sua imaginação e criatividade.

Dentro desse panorama a Contação de Histórias é um trabalho que pode ser planejado e sistematizado no âmbito escolar. O professor é o profissional que precisa desenvolver esse tipo de atividade, mas a escola deve entrar como um suporte. O ser humano está perdendo a oportunidade de vivenciar experiências pedagógicas através da narração de histórias infantis. Cada vez mais temos menos tempo de conversar com as pessoas. Agente informa as coisas e não conversa e, por isso, vem-se perdendo a capacidade de contar histórias e de escutar.

Quando o professor lê uma história para sua turma, ele precisa interpretar atos, e isso demanda conhecimento. É essencial também saber escolher o texto, a sua extensão, e avaliar se motivará as crianças. Nesse sentido, é uma ação pedagógica e artística que requer atuação e bom desempenho. Sendo assim, o professor tem de aprender a fazer e, para isso, precisa planejar-se e entregar-se e, principalmente, exercitar-se sempre nessa maravilhosa arte de contar história.

Vale ressaltar ainda dentro desse universo que apesar de existir na maioria das instituições de ensino do país, sejam na rede pública ou privada, bibliotecas bem equipadas, o uso dos livros principalmente a motivação em relação às ações produtivas de narração na prática tem sido negligenciadas. Por isso, o professor tem sido cada vez mais cobrado a

desenvolver uma postura pedagógica de excelência que venha motivar todas as crianças a fim de que quando adultos tornem-se leitores e, para isso, o professor necessita de ser um modelo de leitor.

Para Perroti (2010), é fundamental que o professor esteja a par do que acontece no circuito da literatura especificamente infantil. No caso do pedagogo, se ele não tem o hábito de frequentar livrarias, bibliotecas e não fica sabendo quais são os lançamentos do mercado, se apropria dessa cultura? Como vai ser um mediador adequado? Como contar uma história? Sem essas competências, as crianças terão mediadores despreparados.

Desse modo, a escola de hoje cobra alfabetizar, mas não colabora para que as crianças tornem-se leitores. O erro mais comum que ocorre na escola é que às vezes, não tem um espaço destinado a leitura e, quando tem, geralmente é pouco agradável, pois não é atraente para as crianças. Assim, além de mal utilizado é mal explorado e mal concebido. É perceptível dentro das universidades futuros professores sem uma experiência significativa com a Literatura Infantil.

Entende-se que a escola está lendo pesquisas atualizadas que tratem da Literatura Infantil para que possa desenvolver um trabalho de qualidade e, se possível, ser capaz de fazer uma autocrítica de seu próprio trabalho com Literatura Infantil. É preciso compreender também que não é todo livro que é ideal para as crianças. Alguns livros escolhidos não tratam de temáticas atuais. A nosso ver, outro equívoco muito comum é quando as instituições se propõem a educar em detrimento da arte. Um acervo para crianças não deve ter apenas livros que ensinam a fazer alguma coisa, como escovar os dentes, tomar banho e não agredir os colegas, é necessário trazer temáticas que façam as crianças refletirem sobre a sua forma de estar no mundo como, por exemplo: o respeito a si, ao outro a partilhar amizade, fraternidade, ajuda dentre outros.

Em outras palavras, sabemos que o compromisso com o texto literário infantil não pode menosprezar o interesse pela leitura na escola. Essa ação tem de ser rica, plural, diversificada; deve contar com variados formatos de livros, com publicações indicadas para a idade e além dela com diversas línguas, se possíveis. Por conseguinte, na Educação Infantil são comuns livros-brinquedo utilizados como recurso para publicação de histórias na literatura para crianças. Por isso é importante perceber que esses materiais, tanto promovem a brincadeira, como a utilização e interesse para a vontade e o desejo de ler, constantemente.

Da mesma forma que os livros de imagens ajudam a internalização das narrativas de histórias, a Contação de História através das imagens contribui para que a criança passe progressivamente a ser um leitor de texto escrito. O professor também pode fazer uso das

novas mídias em relação à leitura, a exemplo dos filmes que podem ser indicados para a troca de informações e a internet permite contar histórias e mandar esses textos para outras pessoas. Se o professor souber usar bem esse recurso estará promovendo um mundo de colaboração para a escola e garantir ações significativas de Contação de História tendo a mídia a serviço da educação.

Segundo Fonseca (2013, p.149), “contar histórias é usar a linguagem oral, o movimento, ritmo para narrar um conto. Ler histórias é descrevê-la como está no livro sem fazer nenhuma mudança”. Além disso, descreve abaixo algumas características peculiares entre a narração oral e o texto escrito a seguir:

Narração oral	Texto Escrito
A comunicação é imediata e simultânea, o acesso é apenas no momento de sua produção; efêmero.	A comunicação não apresenta vínculo de espaço e tempo entre o momento de sua produção e da leitura, o acesso é atemporal; permanente.
A informação é implícita quando realizada de forma não verbal seja através do gesto, da entonação, da expressividade ou através das questões sob o prisma daquilo que pode ser subentendido e/ou improvisado.	Existe a necessidade de explicar toda a informação dentro do maior grau de elaboração.
Em cada versão, o texto pode passar por mudanças e/ou transformações realizadas pelo narrador.	O escrito não pode ser mudado, mas permanece fixo e perdura ao longo tempo sem mudanças.

Fonte: Adaptado Fonseca (2013).

Percebe-se que em relação a arte e a criatividade, a Contação de História mediante uma narração desperta a imaginação e a curiosidade das crianças. As ações desenvolvidas favorecem o desenvolvimento da oralidade e comunicação das mesmas. Daí compreender que contar histórias costuma ser uma prática diária nas instituições de educação infantil. Por isso é tão enfatizado ter a roda da leitura na rotina da sala de aula, é ouvindo histórias que a criança desperta o interesse pela leitura, aprende palavras novas e descobre o mundo sem ao menos sair da sala.

Busatto (2012, p.10) define o contador de história como uma “figura ancestral que ficava ao redor do fogo, ao pé da cama, contando histórias para quem quisesse ouvir, na

maioria das vezes narrativas do seu povo que havia gravado em sua memória por meio da oralidade.” Esse hábito deve continuar, só assim poderemos formar novos leitores.

3. O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Cademartori (2009) considera importante que o professor enquanto mediador da Contação de História possa adaptar a obra lida as condições de compreensão das crianças. A história contada pelo professor durante as atividades ocupa a mente das crianças de tal modo que pode modificar o comportamento delas. De acordo com Oliveira (2010, p.48)

Para que o trabalho de mediação do professor, entre a literatura e as crianças, seja eficaz, será necessário que ele leia com atenção as obras como um leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo texto, sem *a priori* pensar em sua utilização na sala de aula. Somente após ter lido a obra e sentido o que ela pode oferecer é que o professor poderá planejar sua atuação no momento da atividade de leitura. Se ele próprio não se entusiasmar com a obra, deve ir em busca de outra. Uma obra que não emocione deve ser descartada.

Desse modo, o professor ensina cada um a perceber que tem uma voz própria, uma singularidade, e que esse é um dom especial, que ninguém poderá jamais tirar. Quando se trata de leitura, é preciso compreender que enquanto instrumento de ensino e buscando promovê-la na escola ou em sala de aula, o professor como Leitor Proficiente deve observar os diversos estágios por que passa um Leitor Iniciante. Pode-se destacar ainda que, ao falar de leitura especificamente não se trata da mesma coisa, pois a palavra tem várias acepções. No momento em que o professor passa a ser leitor, leitura quer dizer capacidade para dar sentido que se leu.

Para Ricardo Piglia (2006), a leitura é algo capaz de provocar mudanças muito além do mero entretenimento por ser fundamental para atrair e animar motivando para o contato inicial da criança com o livro. Desse modo, Cademartori (2009) enfatiza que a leitura constrói um espaço entre o imaginário e o real desmontando a clássica oposição entre ilusão e realidade. Segundo Oliveira (2010, p.51),

O professor é agente cultural e, portanto, mediador entre os objetos e eventos culturais que devem estar ao seu alcance, para que ele possa assim dar condições de, pelo menos, conhecer e dar a conhecer às crianças aspectos da cultura. O livro literário inclui-se entre esses objetos culturais. Ele promove a socialização, a informação, a formação de opinião e o desenvolvimento da capacidade criadora e inventiva sobre temáticas dos mais variados contextos. Ser mediador da leitura é conseguir compartilhar com a criança.

Nesse sentido, a cultura exerce papel primordial na construção de novos conhecimentos mediante a socialização e as condições favoráveis ao desenvolvimento das competências e habilidades dos indivíduos. Além disso, Cademartori (2009, p.25) acrescenta: “O Brasil ainda não é um país de leitores, situação determinadas por fatores de natureza social, econômica, política, histórica e cultural”. No entanto, existe hoje especial sensibilidade para esse assunto, traduzida em inúmeras iniciativas públicas e privadas tornando ela acessível a maioria da população? Não podemos esquecer, porém, que muitos professores não tiveram as condições necessárias para se desenvolverem devidamente como leitores. O que, na verdade, provém do âmbito muito mais amplo, como a condições de vida social dos pais e o contexto social e cultural de cada indivíduo.

Segundo Faria (2004, p. 14) o professor enquanto mediador da leitura deve conhecer as instâncias do discurso literário, isto é, os personagens, o narrador, o espaço-tempo, o gênero e a relação destes elementos estabelecidos entre sino desenrolar da narrativa, pois todos estão presentes no livro para crianças e jovens. É importante entender que é possível perceber as sutilezas necessárias para se ler um livro, atendendo assim às expectativas e competências dos pequenos leitores. Para Oliveira (2010, p.46),

Em suas mediações, o professor pode usar estratégias para deixar brotar a sensibilidade dos pequenos leitores. A dramatização é uma dessas estratégias, pois propicia a exposição de um tema que os impactou, pelo inusitado de seu enredo ou pelo drama existencial que afeta qualquer ser humano. Isto é viver o livro literário, pois ao ser vivido imaginariamente no ato de ler ou ouvir, há a possibilidade de recuperar por nós, em nós, aquilo que de belo temo se não sabemos, ou somente intuimos, e aquilo que perdemos. A literatura, ao ser fruída em contínua convivência, coloca-se como uma possibilidade muito concreta de ver e sentir a realidade de uma maneira inusitada. Neste sentido, as rodas de leitura, ao proporem uma leitura compartilhada, são um instrumento mediador importante para a formação do leitor infantil.

De acordo com os autores Oliveira e Spindola (2008, p.47), o professor deve estimular as crianças a construir uma relação afetiva com a Literatura Infantil, aprendendo o valor emocional, intelectual que cada obra tem. Os autores consideram que ao favorecer o desenvolvimento do gosto pelas histórias, poesia, entre tantos gêneros literários, implica a determinação do professor em promover momentos apropriados ao ato de contar ou ler histórias. Assim, não é necessário propor conhecimentos utilitários, que sirvam para isto ou para aquilo; o que importa é o desenvolvimento de uma oralidade expressiva e a experiência com a leitura.

Conforme Sisto (2001) contadores de histórias despertam o “acordar da imaginação” das crianças ao mesmo tempo em que elas se encantam tanto como possível como o

impossível. Para ele, “o bom narrador de contos precisa ler muito, livros, placas, gestos e pessoas”. Além disso, precisa ter paixão pela palavra pronunciada ao contar ou ler a história pelo prazer do dizer. Destaca ainda um ponto importante: ler ou contar bem uma história é também evitar o didatismo e a lição de moral, os estereótipos das palavras e dos gestos. Segundo o RECNEI (1998, p.141) é preciso levar em consideração que:

(...) práticas de leitura para as crianças tem um grande valor em si mesmas, não sendo sempre necessárias atividades subsequentes, como o desenho dos personagens, a resposta de perguntas sobre a leitura, dramatização das histórias, etc. tais atividades só devem se realizar quando fizerem sentido e como parte de um projeto mais amplo. Caso contrário, pode-se oferecer uma ideia distorcida que é ler.

Compreende-se que a palavra tem o poder de evocar as imagens e o resultado do gesto sonoro e corporal produzidos por uma produção de cunho emocional, capaz de levar o ouvinte a uma condição temporal, visto que não é um tempo cronológico que interessa, mas o tempo afetivo. Uma história tem que durar o tempo da liberdade do leitor e do ouvinte para que ele possa ser o coautor da história narrada, percebendo a experiência viva e criando na imaginação o que for sugerido pelo narrador.

4.RELATO DE EXPERIÊNCIA

Inicialmente, possibilitamos a dinamização das atividades, por intermédio da Contação de Histórias estimulando a criatividade por meio da ludicidade, da imaginação, sensibilidade e autonomia, a fim de ampliar as múltiplas linguagens além de permitir a descoberta de novos caminhos para a aprendizagem e outras formas de se conhecer o mundo ao seu redor.

Posto isto, realizamos a atividade coletivamente. Foi realizada a leitura e explicação de cada questão, com as crianças acompanhando com olhar atento a voz da professora e as imagens. À medida que elas iam respondendo às questões propostas a turma esperava a próxima imagem.

A foto 1, abaixo, diz respeito ao desenvolvimento de uma atividade de leitura com as crianças.



Foto 1: Hora da leitura deleite
Fonte: Arquivo (Pesquisadora, 2018)

Prosseguindo, acrescentamos que como recurso para a atividade da Contação de histórias, foi utilizado o “avental temático.” Esse é um instrumento que é possível abusar da criatividade. Assim, sempre propomos que todas sentem em círculo. Com isso, todos ficam juntinhos para ouvir a história e poder participar ativamente dessa atividade. Dentre as histórias que contamos destacamos: “*A galinha ruiva*” de Antonio Torrado, “*Nicolau tinha uma ideia*” de Ruth Rocha, “*O girassol solitário*” de Sandra D. Costa e “*Bom dia todas as cores!*” de Ruth Rocha.

Dentro desse contexto, pode-se dizer que, cada dia da semana, contamos e recontamos histórias seja no pátio ou no parquinho da escola e às vezes na sala. Muitas vezes improvisamos histórias, deixando a criança interagir com a história contada. Que pedem sempre para contar outra vez, então foi proposto que elas fossem contando espontaneamente a fim de trabalhar a oralidade e verificar se conseguiam realizar o reconto com riqueza de detalhes.

Foi constatado ao longo da semana o envolvimento das crianças que gostam de recontar a história de forma ativa e participativa. Conforme a foto 2, no primeiro dia comecei a contação da história intitulada: “**A galinha ruiva**”, de Antônio Torrado, perguntando quem gostava de milho? E prontamente todos responderam que sim. E quem tinha um animal de estimação? A maioria afirmou: cachorro e gato. Foi solicitado que observasse as imagens do livro e que dissessem se aqueles bichos eram iguais? Falaram que não, porque acharam que alguns tinham um rabo diferente. Eu lhes disse: “Muito bem”. Vamos ver o que acontece com esses personagens na história com tantos bichos diferentes, porém são, animais domésticos, certo? O gato, o cachorro e o pato. Sabe o que é animal doméstico? Responderam que não. Conforme imagem abaixo, é utilizado muitas imagens visuais com as crianças para facilitar a compreensão da mensagem.



Foto 2 – Animais domésticos
Fonte: Aluna pesquisadora (2018)

Foi explicado que muitos animais mesmo não vivendo dentro da casa das pessoas, mas estão vivendo perto delas, por isso são do-més-ti-cos. Entendido? Responderam: Sim. Então, agora vamos ao que interessa. *A galinha ruiva*. Por que será que ela é ruiva? Imediatamente, eu disse: vou entregar o desenho de uma galinha, quem encontrar a ruiva levanta. Certo. E assim, fizemos a intervenção porque elas não conheciam aquela palavra e nem a cor. Assim continuamos como desfecho da história passando para cada criança o desenho de um personagem que fazia parte do texto.

Para promover a interação propomos às crianças que fossem colocando no avental a figura dos animais conforme apareciam na história. Desse modo, as crianças se envolveram nessa atividade de maneira satisfatória. Prossegui: quem gostou? Todos responderam: de novo, de novo. Nesse momento, era importante seguir a rotina da aula. Por isso, explicamos que por hora era preciso realizar outra atividade para não atrasar o recreio.

Nesse sentido, a Contação de História possibilitou desenvolver a aprendizagem de novos saberes através dessa proposta sem a necessidade de imposição, mas, foi possível aprender de forma lúdica e prazerosa. Verifiquei ainda que todas as crianças conheciam os animais que apareceram na história e ainda sabiam nomear outros nomes de animais domésticos.

No segundo dia foi escolhido o livro: “**Girassol solitário**” de Sandra Diniz Costa. Compreende-se que as crianças também têm sentimentos, afinidades, e estão inseridas em todos os contextos da sociedade contemporânea. Elas não estão alheias ao que se passa na sociedade seja as questões referentes às rivalidades entre as pessoas devido aos interesses econômicos, o egoísmo, a tristeza, a alegria, a bondade, pelo contrário, ouvir histórias envolvendo esses temas quebra tabus e possibilita a compreensão em relação a necessidade de um mundo mais tolerante e com respeito ao cidadão.

Perguntamos: Quem sabe dizer algum nome de flor? E responderam: ROSA. Perguntei: Vocês sabiam que o girassol também é uma flor bem grande? A maioria não sabia. Continuei. Apresentei as imagens e comecei ora lendo, ora criando dentro do contexto da história. Segundo o texto, o girassol é uma plantinha meio egoísta, por isso, ela era solitária. Chamei atenção para essas questões. Será que é certo não querer doar nada pra ninguém? Elas concordaram que não. E acrescentaram: que era muito bom ter amigos e ajudar.

Porém, para alguns a Contação de Histórias parece uma atividade de “enrolação” da professora, perda de tempo da aula. Percebe-se que essa prática ainda não é tão valorizada como deveria ser, visto que ela proporciona, não só um momento de prazer ao ouvir, mas estimula o gosto pela leitura. Na Educação Infantil, entretanto, essa ação educativa é de suma importância para as crianças.

Iniciamos uma dramatização cantada, mas não deu tempo socializar com todos da escola. Foi proposta a dramatização usando a fala do sol, do girafior, da lua, da margarida para entenderem o valor da amizade, tendo a professora com interlocutora. O que ficou compreendido entre elas a importância da amizade.



Foto 3 – Dramatização

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).



Foto 4 – Brincando de ator

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

Vale ressaltar ainda que essa metodologia contribuiu para despertar o imaginário infantil, as emoções e o desenvolvimento como um todo seja nos aspectos: cognitivos, social, cultural, psicológico, mental além do intelectual dos indivíduos dentre outros. Desse modo, Piaget (1979) considera que o desenvolvimento da criança depende da quantidade de experiência que lhes forem oferecidas, principalmente nessa faixa etária entre 4 e 5 anos de idade.

Nesse contexto, a Contação de História possibilitou a criança expressar suas emoções livremente durante a leitura. É comum que as crianças demonstrem raiva, alegria, irritação,

medo, bem-estar, tristeza, a rejeição além do respeito às diferenças etc. Foi uma experiência proveitosa.

Nesse sentido, é possível considerar que existe um leque de possibilidades que favorecem a educação de crianças entre 4 e 5 anos de idade podendo contribuir, a fim de, minimizar inclusive os traumas psicológicos e preconceitos já arraigados. Desse modo, o ato de contar-se histórias constitui-se em um momento privilegiado, onde há a liberdade de a criança também expressar-se e expor uma opinião e ser ouvida.



Foto 5 – Contação de história no parquinho
Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

No terceiro momento dando prosseguimento ao projeto: “Lê pra mim” conforme a foto 5 acima, está relacionada com uma atividade de Contação de Histórias desenvolvida no Parquinho da escola tendo por base o conteúdo do livro: “**Nicolau tinha uma ideia**” de Ruth Rocha, oportunizou-se um momento de reconhecimento sobre a importância da Escola na vida de todos os cidadãos. A troca de ideias entre as pessoas promove a construção de um mundo melhor. Mais uma vez mostramos as imagens indagamos sobre o que estavam vendo, os personagens. E só depois comecei a leitura identificando os nomes das pessoas e as ideias de cada um. E como resolveram o problema de todos aprenderem coisas novas. Além disso, é possível a criança construir novos saberes e compreender melhor a realidade que as cerca.



Foto 6 – Título do Conto de Ruth Rocha
Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

Por fim, no quarto dia a produção ficou por conta do livro: **“Bom dia todas as cores!”** de Ruth Rocha, história contada com fantoches e teatrinho, conforma a foto acima. Mas antes de iniciarmos, apresentamos o camaleão colorido, como mostra a foto 7, para que as crianças tivessem contato com o camaleão que iria ser apresentado na história. A história foi importante para que as crianças compreendessem sobre o saber decidir e/ou ter uma opinião firmada sobre você mesmo desde cedo. Saber sobre suas decisões foi valioso por levar a compreensão do valor que cada um tem e perceber que somos diferentes. Por isso, é preciso valorizar as diferenças individuais. Após a Contação de História deixamos que as crianças manuseassem os fantoches para sentir e perceber a espessura e identificar as cores com precisão, haja vista que as cores podem se misturar e formar novas cores.



Foto 7 – o camaleão colorido

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)



Foto 7 – Mural coletivo das cores

Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018)

Pode-se dizer ainda que, na oportunidade, a contação se desenvolveu através dos materiais como os fantoches, culminando com a produção das artes visuais. Foi gratificante o envolvimento espontâneo das crianças que sentiram a necessidade de expressarem seus

sentimentos de bem-estar através da arte. Portanto, para encerrar as atividades realizamos a leitura e contamos a história usando o fantoche, podendo no muro ao lado cada criança reproduzir o que estavam sentindo na cartolina, e podermos construir um mural posteriormente foi o que me ocorreu fazer naquele momento devido o interesse pelas cores das tintas que tinham a sua disposição, conforme a foto 8.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste relato de experiência com a Contação de histórias na Educação Infantil trago a minha impressão sobre esse trabalho e reforço que é, sim, possível perceber o quanto é importante a Contação de Histórias para a construção do conhecimento das crianças tendo como experiência uma comunicação interativa entre criança-educadora.

Entende-se que quando a Educação infantil faz uso da Contação de História significa romper com os modismos buscando um recurso que traz uma mensagem para a criança e que precisa ser compreendida. Além disso, para se chegar à habilidade de contador de histórias, é preciso percorrer um longo caminho e praticar sempre o ato de ler inúmeras vezes em vários momentos e com inúmeros tipos de materiais verbais ou não verbal.

Daí a importância de se promover práticas da Contação de História para as crianças de 4 a 5 anos de idade, por considerar que estamos dando os primeiros passos em direção à formação de um leitor. Sendo assim, a leitura introduz a criança no mundo dos saberes e, é através dela que se pode comunicar de outras formas.

Por isso, considera-se que, o professor seja um leitor ativo, para além da condição de um texto literário. Ler não por obrigação, mas para seu próprio enriquecimento e crescimento enquanto pessoa. Viver o livro literário infantil não é desmerecer o ensino e não é perda de tempo, pois como outra disciplina a literatura deve ter um espaço dentro de outras atividades na pré-escola. A Contação de História significa entrega ao saber infantil, pois ela representa um instrumento para a fruição das crianças, na escola por prazer, aprendizado e para alimentar sentimentos e tornar-se feliz.

Contudo, nada é mais significativo para a criança que oportunizar momentos de Contação de Histórias com as crianças, pois entendemos que oportunizamos também a criança conhecer uma nova área do conhecimento, como também testemunhar os colegas profissionais envolvidos na Educação Infantil que a criança precisa de espaços mais valorizados para desenvolver o seu trabalho de forma séria e comprometida com a formação do leitor.

ABSTRACT

This article aims to show the importance of the Storytelling to awaken in the student the taste for reading and develop their creativity and imagination, contributing to the exploration of the world of the child, favoring the situations of experience in their daily life and allowing the child to express your emotions freely while reading. As a methodological assumption we present an experience report developed with children between 4 and 5 years of age in the ABC School, focused on the art of Storytelling in Early Childhood Education, given that this practice causes children to develop hypotheses about the stories read and contributes significantly to the development of children's own creativity and imagination. Therefore, we emphasize that Storytelling contributes, in fact, to the stimulation of creativity and imagination and, in a certain way, also helps to improve certain issues related to the emotional and psychological field, although our main objective with action pedagogy is the formation of the reader who should start from the Early Childhood Education. For this, we anchor ourselves in the studies of Brait (2010); Brazil (1998); Cadermatori (2009), Cosson (2009) and Oliveira (2010), Soares (2001) and others. In this sense, it is probably clear that the practice of Storytelling in Early Childhood Education is important, considering that its role is to provide pleasure and enjoyment through reading. In addition, when well developed, it can be considered a cultural asset that provokes the child's reflective thinking, according to the teacher's mediation, allowing the development of the skills and competencies necessary to face the conflicts and overcome them in the day-to-day -day.

KEYWORDS: Storytelling. Child education. Pedagogical Practice.

6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). **Era uma vez... na escola:** formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

AVERBUCK, L. M. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** — Volume III: Conhecimento de mundo - Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html> acesso em 10.01.2019 as 21h00

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens.** São Paulo: Contexto. 2010, p.240.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar:** Pequenos segredos da narrativa, 8.ed. -Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CADEMARTORI, L. **O professor e a literatura:** Para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica Editora.2009. (Série Conversas com o professor, 1)

CEREJA, W. R.;MAGALHÃES, T. C.(2010),**Português linguagens 3** ensino médio; Autor Cereja; Língua Português; Editorial Saraiva; Ano de publicação 2010.

CERTEAU (2008, p.262) CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano: 1.artes de fazer.** 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.262.

CORSINO,Patrícia. **Literatura na educação infantil:** possibilidades e ampliações.p.183-204. In: Literatura: ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, RildoCosson . – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COSSON. Rildo; MACIEL, Aparecida; PAIVA, Francisca, **Literatura:** ensino fundamental / Coordenação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p. il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20)

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** São Paulo:Contexto, 2004.

FONSECA, Edi. **Interações:** com olhos de ler. 1º reimpressão – São Paulo: Blucher, 2013.

FRONCKOWIAK, A. C. ; RICHTER, Sandra Simonis. **A dimensão poética da aprendizagem na infância:** Reflexão e Ação (UNISC. Impr.), Santa Cruz do Sul, v. 13, p. 91-104, 2005.

LAJOLO, Marisa **No mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo, SP: Ática, 2004.

LEAL, T. F& ALBUQUERQUE, E.B. C. de. **Literatura e formação de leitores na escola.** In: Literatura: ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo COSSON. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MELO, Robson. **BNCC: De onde vai e para onde vai?** Revista Ler, Encantar e Refletir. Ano 01 - nº 01 novembro 2017.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O professor como mediador das leituras literárias.** 2010.p.40-53.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de; SPÍNDOLA, Arilma Maria de A. **Linguagens na educação infantil III – literatura infantil.** NEAD. Cuiabá-MT: Ed. UFMT, 2008.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Orgs.). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PERROTTI, Edmir. **Um espaço de liberdade, imaginação e aventuras**. Revista Pátio – Educação Infantil, Ano VIII, nº 24, jul/set. 2010. p.16-19.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 192 p.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

REVISTA LER: LER, ENCANTAR E REFLETIR. ANO 01 | Nº 01 | **Literatura e desenvolvimento infantil**. NOVEMBRO 2017

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

Livros literários infantis citados

COSTA, S. D. **O girassol solitário**. Uberlândia-MG. Editora: Claranto. Coleção Novas. 2000. 16p.

ROCHA, Ruth. **BOM DIA, TODAS AS CORES!**São Paulo – SP Editora: Salamandra.18ªED.2013. Coleção: BIBLIOTECA RUTH ROCHA: SERIE VOU TE CONTAR!

_____. **Nicolau tinha uma ideia**. São Paulo-SP. Editora Salamandra. 17ª Ed. 2014.

TORRADO, Antônio. **A galinha ruiva**. Soregra: Queluz de Baixo. 6ª ed. 2016. 28 p. (Ver e ler ; 1).